

A colonização Guarani nas Planícies do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil*

The Guarani colonization on the Plains of Taquari, Rio Grande do Sul, Brazil

Marcos Rogério Kreutz**
Paula Dresch dos Santos***
Neli Galarce Machado****
Luis Fernando Laroque*****

Resumo: No período pré-colonial, os atuais estados do sul do Brasil foram colonizados por diversas etnias, entre elas, a Guarani. Esses grupos, com uma orientação agrícola e com uma dinâmica de deslocamentos, optaram por se instalar inicialmente nas férteis várzeas ao longo dos rios e arroios de maior porte. Com o passar do tempo, deslocaram-se para territórios mais afastados desses cursos d'água ou então para as porções mais altas dos vales dos rios. O objetivo do presente estudo é formular um panorama de deslocamentos e colonização de grupos Guarani em um território específico drenado pela Bacia Hidrográfica do Rio Taquari no Rio Grande do Sul, em um período antigo, anterior à colonização europeia. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica que trata do tema, migrações e deslocamentos Guarani, bem como a análise de datações realizadas em sítios arqueológicos. Como resultado, espera-se formular hipóteses para esses deslocamentos na área foco do estudo.

Palavras-chave: deslocamentos; Guarani; áreas favoráveis.

Abstract: In the pre-colonial period, the current states of southern Brazil were colonized by various ethnic groups, among them the Guarani. These groups, with an agricultural orientation and a dynamic shifts, chose to settle in the fertile floodplains initially along the rivers and larger streams. Over time, traveled to more remote areas of these watercourses or so to the highest portions of the river valleys. The purpose of this study is to formulate an overview of displacement and colonization of Guarani groups in a specific territory drained by Basin Taquari River in Rio Grande do Sul. The methodology used was a literature review that approaches this issue, migration and displacement Guarani, and the dating of research carried out under archaeological sites. As a result expected to formulate hypotheses for these shifts in the territory focus of the study.

Key words: shifts; Guarani; favorable areas.

* A temática e os sítios arqueológicos estudados neste artigo compõem o projeto de pesquisa "Arqueologia, História Ambiental e Etno-história do RS" que tem auxílios da CAPES, CNPq e PROPEX UNIVATES.

** Doutorando no Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates. E-mail: mrk@bwnet.com.br

*** Bolsista do CNPq. Graduada em História na UNIVATES. E-mail: arqueologia@univates.br

**** Doutora em Arqueologia. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado, Rio Grande do Sul. Coordenadora do Setor de Arqueologia. E-mail: ngalarce@univates.br

***** Doutor em História. Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado, Rio Grande do Sul. E-mail: flaroque@terra.com.br

1 Introdução

A partir de finais do século XVII, viajantes, cronistas, historiadores, arqueólogos, antropólogos narram a expansão e o deslocamento dos povos Guarani pré-contato e pós-contato com os colonizadores vindos do Velho Continente.

Estima-se que esses grupos ingressaram no atual estado do Rio Grande do Sul, cerca de 2.000 anos A.P., iniciando a colonização na inflexão do rio Uruguai, na direção oeste para leste (ROGGE, 2004). Todos os ambientes que correspondem à atual região sul foram ocupados, de forma sistemática ou de forma ocasional, inicialmente por grupos caçadores e coletores. Por volta de 2.500 anos atrás, a “paisagem cultural” da região Sul começa a ser alterada, com a ocupação por populações ceramistas e horticultoras (NOELLI, 1999/2000). Dentre estas, os portadores da Tradição Tupi-guarani são as mais conhecidas em termos arqueológicos, etnográficos, históricos e linguísticos (RODRIGUES, 1986; NOELLI, 1993; SILVA, 2000; MELLO, 2006).

Assim, nesse contexto de movimentação da população Guarani, pertencente à Tradição Arqueológica Tupi-guarani, um território específico do Estado do Rio Grande do Sul, o qual está inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, conhecida como Vale do Taquari, foi colonizado por essa etnia. Quanto à época, o grupo deve ter ocupado o referido território, no início da Era Cristã ou um pouco mais tarde, conforme demonstram as datações obtidas por meio das técnicas de C^{14} e Termoluminiscência.

Estima-se que esses grupos permaneceram por um período considerável, tendo sofrido uma grande pressão em virtude da chegada dos europeus. Desse modo, o objetivo do presente artigo é traçar um panorama de deslocamentos e colonização de grupos Guarani pelo território foco do estudo.

Nas últimas décadas, pesquisadores (BROCHADO, 1984; RIBEIRO, 1991; NOELLI, 1993; SOARES, 1996; ROGGE, 2004; KLAMT, 2005; SCHMITZ, 2006; MACHADO et al., 2008; SANTI, 2009) têm se debruçado no assunto formulando hipóteses para deslocamentos e colonização Guarani para o Estado do Rio Grande do Sul. Sendo assim, esses estudos, aliados à análise de sítios arqueológicos no Vale do Taquari permitem identificar, hipoteticamente, deslocamentos e áreas de colonização Guarani para a região.

2 A expansão Guarani

Quando algum indivíduo de uma determinada área vai para outra, que pode ser habitada ou não, com o intuito de habitar ou explorar dá-se o nome de colonização. Nesse processo de colonização ocorre a influência ou transferência cultural dos colonizadores para com os colonizados e vice-versa. O colonialismo, segundo Azevedo (1999, p. 109), “[...] significa o domínio institucionalizado de uma potência ou Estado sobre outros povos, via de regra, localizados em regiões longínquas”.

O Guarani era um povo colonizador. Na floresta abriam clareiras para suas aldeias e para as roças, com espaços definidos para a sua subsistência e vida social. Abriam caminhos entre as aldeias e as diversas áreas de atividades econômicas, locais para rituais e cemitérios e entre as aldeias vizinhas ou distantes (NOELLI, 2004; ZUSE, 2009).

Assim, a Arqueologia passou a destacar a forma pela qual os grupos Guarani dominavam o espaço, bem como a relatar os sítios arqueológicos que estão relacionados entre si, com o meio ambiente e quais os processos culturais embasam essa organização no espaço (MILHEIRA, 2008).

Entende-se que existe uma diferença entre expansão e migração. Para expansão, compactua-se com a afirmação de Brochado (1989), na qual considera que os deslocamentos humanos ocorridos na pré-história não foram exatamente migrações, pois os territórios de origem desses povos não ficaram vazios, mas continuaram crescendo demograficamente obrigando, de tempos em tempos, a saída de novos indivíduos.

Para Conte (2004), a migração não se constitui em apenas um deslocamento de pessoas pelo planeta, mas também em transformação na sociedade. Ocorrem por várias razões, podendo representar uma mudança radical, não só no aspecto físico, mas também na vida dos indivíduos.

A migração de uma sociedade ou de um indivíduo é o processo que resulta na saída definitiva de um determinado espaço, região ou país, de forma voluntária ou compulsória, na busca de outros locais em outros limites (GARLET; ASSIS, 2009). As migrações podem ser vistas como fruto de motivações múltiplas, entre elas, econômicas, políticas ou religiosas.

A presença Guarani abrangia, antes da chegada do europeu no século XVI, um extenso território na atual configuração do Brasil. Nesse panorama, incluem-se os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, além de partes de países vizinhos. Porém, segundo Monteiro (1992), não ocupavam o território de forma homogênea ou exclusiva.

Da mesma forma que grupos construtores de sambaquis privilegiavam para sua instalação áreas próximas a mangues e de formações florestais (SCHEEL-YBERT, 2001), no processo de expansão para diversas regiões do Brasil, os Guarani escolhiam áreas ecológicas eleitas de forma culturalmente orientada (CICCARONE, 2011).

Segundo Mello (2006, p 23), a partir dessas “[...] movimentações se originaram sociedades distintas que se expandiram territorial e linguisticamente em consecutivos processos migratórios”.

Os Guarani tinham uma estreita ligação com o ambiente. Segundo Ribeiro e Faccio (2009, p. 96),

O grupo Guarani possui uma forte relação com o espaço e seu meio ecológico, haja vista que notoriamente buscaram uma adaptação ecológica compatível com seu modo de vida, já formado e desenvolvido na região amazônica, buscando os lugares de vegetação de bosque subtropical chuvoso.

As razões que levaram grupos Guarani a empreenderem a expansão, ou ainda, o movimento migratório, proporcionaram inúmeros estudos. Desde o século XIX, teorias foram criadas para tentar explicar esses deslocamentos.

Entre as teorias pesquisadas e publicadas, Noelli (1993) apresenta o trabalho de Branislava Susnik (1975). A autora utiliza combinações e comparações de fontes etnográficas, etno-históricas e as datas arqueológicas disponíveis na época, propondo fatores que levaram indígenas a promover esses movimentos. Dessa maneira, a expansão territorial se daria por razões simbólicas e socioeconômicas (MILHEIRA, 2008). Entre elas, conforme Noelli (1993, p. 54), temos:

- a) crescimento demográfico e subsequente divisão de aldeias;
- b) busca de novas terras para o desenvolvimento do plantio;
- c) guerra e fuga;
- d) divisões geradas por diferenças pessoais dentro do sistema de parentesco;
- e) pelo esgotamento das terras ocupadas.

Lathrap (1975) afirma que a expansão poderia estar vinculada ao desenvolvimento da agricultura, produzida ao longo das férteis terras de várzeas às margens do rio Amazonas. Produzindo mais, possibilitou o aumento da densidade demográfica, assim, para o autor, torna-se um indicativo para os deslocamentos na região do Amazonas, e também para fora dela.

Lathrap (1975) propõe que as expansões de povos amazônicos obedeceram ao modelo de adaptação agrícola/crescimento populacional/dispersão por novos territórios com o intuito de se estabelecer em novas terras agrícolas.

Para Brochado (1989), os movimentos Guarani estão ligados a pressão demográfica devido ao contínuo aumento da população, em função do eficien-

te aproveitamento dos recursos disponíveis no ambiente. Novas terras eram exploradas, locais que apresentavam boas condições para o cultivo de vegetais. Assim, a competição por esse recurso, na região da floresta amazônica, segundo Brochado (1989, p. 79), “[...] forçou as comunidades a se afastarem, buscando sempre, porém, o mesmo nicho ecológico – os ricos solos aluviais, fáceis de trabalhar e que produziam o máximo com o mínimo de esforços”.

Além de fatores econômicos e ecológicos, Soares (1996) propôs que a expansão de grupos Guarani em busca de novos territórios, as estruturas sociais e de parentesco, baseadas em valores de prestígio, são fundamentais para a definição de novos espaços de vivência e constituição territorial.

A criação de novas colônias, conforme Schmitz (2006), pode estar atrelada à alteração do clima (seca), bem como do crescimento demográfico. Para o autor (SCHMITZ, 2006, p. 36), “A sua saída da borda da Amazônia poderia ser devido ao mero crescimento demográfico na área de origem, onde passariam a faltar terras agricultáveis, levando a criação de novas colônias em matas mais afastadas”. Quanto às condições climáticas, Schmitz (2006, p. 36) afirma, “Mas poderia ser impulsionada por uma seca, prolongada durante décadas, talvez até séculos, que tornaria as condições ali existentes difíceis para uma população em crescimento baseado na agricultura de coivara”. Sobre a época das migrações para o Sul, o pesquisador diz que as migrações maiores teriam iniciado no início da Era Cristã, especialmente dos ascendentes da família Tupi-Guarani, buscando outras matas, onde o seu sistema de colonização pudesse se expandir.

Outro aspecto com relação à expansão Guarani teria ligação com as guerras praticadas por esses grupos. Não como uma forma de extermínio, mas visando controlar o adversário que se opunha a expansão Guarani. Dessa forma, os motivos vinculados à guerra seriam a conquista e a manutenção dos espaços conquistados (NOELLI, 1993).

Para Noelli (1993, p. 304),

O contínuo processo de expansão de fronteiras deixaria para trás os territórios colonizados com uma população estável com condições de manter e manejar suas terras e desdobrar-se “enxameando” os tributários menores, como os pequenos vales no Oeste de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Outro motivo com possibilidade de influência para o Guarani promover deslocamentos é de cunho religioso, presente na mitologia Guarani, difundida pelos líderes religiosos, Pajés e Xamãs, a crença da existência de uma terra sem males. Para o Guarani, a Terra sem Males, é uma terra ideal onde se localizam todos os desejos (SHADEN, 1974; CLASTRES, 1978; NIMUENDAJÚ, 1987).

Permanece a dúvida sobre o momento dessas movimentações, antes ou depois do contato com o europeu. Pesquisadores, como a antropóloga Hélène Clastres (1978), defenderam a ideia de que as movimentações Guaraní em busca da Terra sem Males teriam acontecido já antes da chegada dos espanhóis e portugueses.

Conforme Brandão (1990, p. 63), a Terra sem Males para os Guaraní

[...] não é apenas um lugar para onde a tribo deve se deslocar sem tréguas em busca de uma vida sem a morte e sem o mal. Ela é também um tempo, pois eis que pelo menos entre os Guaraní atuais um cataclismo próximo que, diferente de um primeiro ancestral, destruirá a Terra má de agora e somente serão salvos os que houverem se posto em marcha em busca da Terra Sem Mal. Aqui em nada a simbologia religiosa dos profetas guarani difere da de outros movimentos messiânicos ou milenaristas, em que o movimento e o lugar de salvação não são dados pela vinda de uma divindade ao grupo, mas por meio de uma viagem do grupo a um lugar sagrado, terra da salvação.

Em busca da Terra sem Mal, grupos Guaraní se reuniam e partiam para grandes migrações, em busca do lugar ideal. Segundo Silva (2012, p. 27),

No decorrer do caminho, cantavam e dançavam a fim de se tornarem capazes de ouvir dos deuses o caminho correto, e, se paravam, era com esse fim, não havendo possibilidade para que se retomasse a vida aldeã. O karáí se tornava aquele que tomava todas as decisões: para onde ir, onde e quando parar.

De acordo com relatos datados do início da colonização europeia, a viagem poderia durar um período considerável, ou seja, muitos anos. O deslocamento era lento, pois havia a necessidade de caçar e coletar alimentos para sobreviver, havia também pausas para danças e cantos, além do enfrentamento de grupos inimigos que ocupavam os territórios atravessados (SILVA, 2012).

Em um contexto de incertezas quanto à real finalidade dos deslocamentos Guaraní no período pré-colonial, econômicas, políticas ou sociais, para Monteiro (1992), após a chegada do colonizador europeu, as movimentações nada mais eram do que mobilizações, constituíram práticas e discursos de negação e transformação da ordem colonial, uma afirmação identitária e liberdade de movimento.

Por ocasião do contato com o colonizador, Garlet e Assis (2009) discorrem sobre a fuga do Guaraní (Mbyá), no Paraguai, tanto das reduções quanto da proximidade com os conquistadores. Para os autores, os deslocamentos ou fugas estavam condicionados a não viver submetido aos sistemas coloniais, à fome, doenças e escravidão. “O retorno à selva possivelmente representasse o caminho da tradição, da vivência dos costumes dos antepassados” (GARLET; ASSIS, 2009, p.36).

Ao longo de um considerável espaço temporal, grupos pré-coloniais pertencentes à Tradição Tupi-guarani, segundo Pereira (2009), são caracterizados por um forte caráter expansivo. Tendo como origem a Bacia Amazônica, colonizaram, pelo menos em um período de quinze séculos, uma considerável extensão territorial do Rio Grande do Sul.

Nesse processo migratório ou de expansão Guarani, se insere no território específico na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, a qual se denomina Região Vale do Taquari. O Guarani colonizou o local, preferencialmente as planícies ao longo dos rios e arroios de maior expressão.

3 Fisionomia do território: características

O território, foco do estudo, está localizado (Figura 1) no centro leste do estado do Rio Grande do Sul, entre as coordenadas UTM 350.000 L e 6.695.000 N; 450.000 L e 6.830.000 N (FOLHA SH. 22-V-D).

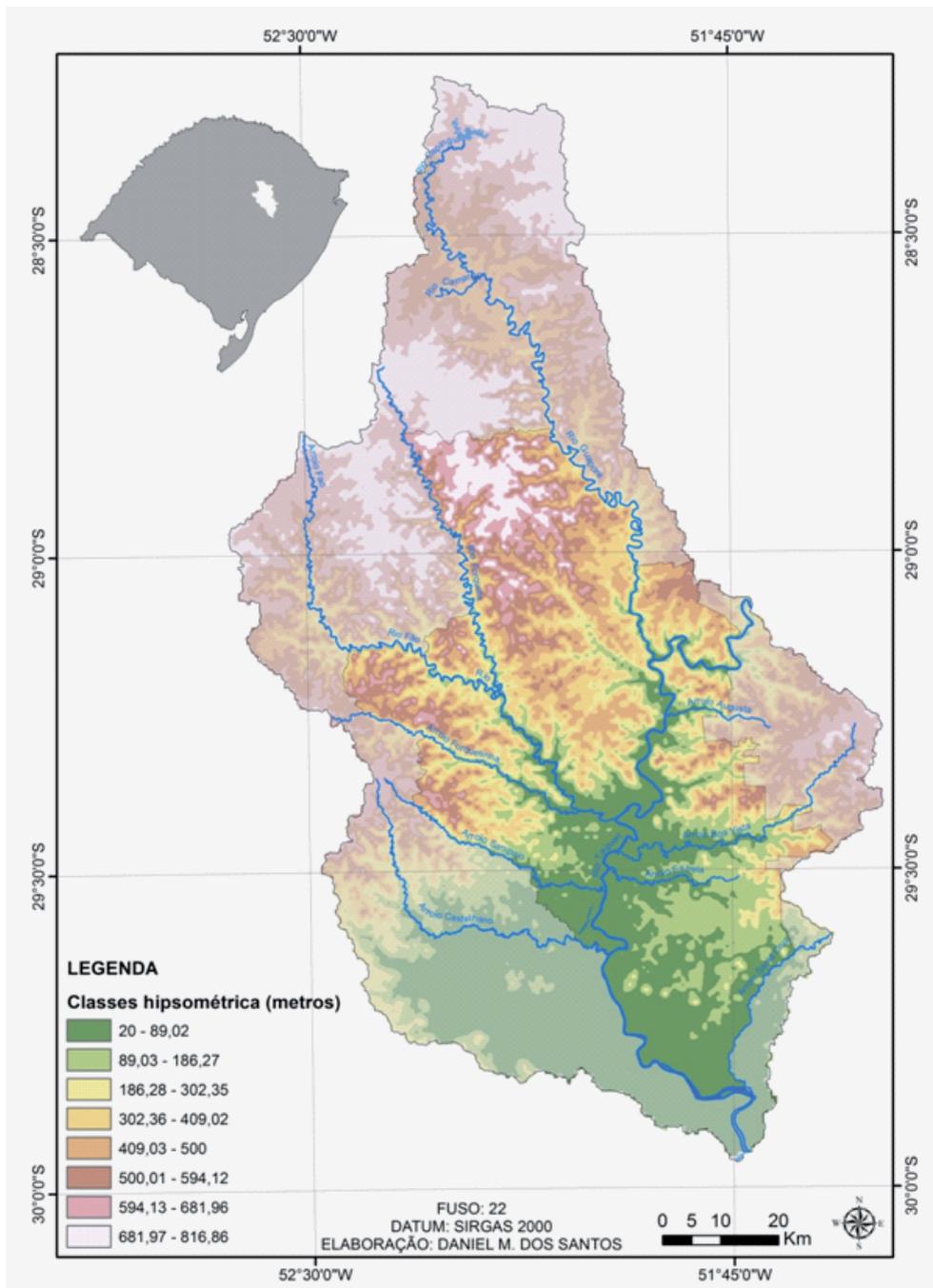


Figura 1 - Localização do território inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul.

Fonte: Santos (2014).

O Vale do Taquari localiza-se em uma região denominada Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, a qual abrange rochas da Bacia do Paraná. A transição entre a depressão e a área planáltica é feita por escarpamentos pronunciados em alguns trechos, enquanto em outros é simples, sem quebra de topografia.

No local são observadas duas regiões geomorfológicas, a Depressão Central Gaúcha e o Planalto das Araucárias. Os territórios localizados em ambas as regiões, foram parcialmente colonizadas por grupos Guarani (RIBEIRO, 1991; SCHMITZ, ROGGE, ARNT, 2000; MACHADO et al., 2008; SANTI, 2009; WOLF, 2012).

Com características heterogêneas, a Região Geomorfológica Planalto das Araucárias, localizada entre o centro e o norte da região, varia entre formas de relevo amplas e aplanadas até o nível mais profundo de entalhamento. São identificadas duas Unidades Geomorfológicas, Patamares da Serra Geral e Serra Geral (MAGNA ENGENHARIA, 1997, p. 53).

Entre os sítios arqueológicos Guarani, inseridos nessa área encontram-se: RS-T 101, RS-T 102, RS-T 105, RS-T 107, RS-T 108, RS-T 110, RS-T 114, RS-T 119, RS-T 122, RS-T 124 (MACHADO, 2007; MACHADO, 2013), RS-03, RS-60 (GOLDMEIER, 1983) e RS-T 15 (FIEGENBAUM, 2009).

A segunda região do Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, a Região Geomorfológica Depressão Central Gaúcha, se constitui “[...] numa área baixa, interplanática onde os processos erosivos esculpiram em rochas sedimentares paleozóicas, triássicas e jurássicas da Bacia do Paraná colinas alongadas, conhecidas regionalmente como coxilhas” (JUSTUS; MACHADO; FRANCO, 1986, p. 347).

Observada na porção sul do Vale, na região se identificou a Unidade Geomorfológica Depressão Rio Jacuí, a qual apresenta um relevo homogêneo, sem muitas variações altimétricas, onde prevalecem as formas alongadas de topo convexo, conhecidas como coxilhas. Ao lado dessas formas, a região é delineada com vastas superfícies planas, rampeadas, recobertas por colúvios, com dissecação incipiente e mapeadas como Superfícies Pediplanadas (MAGNA ENGENHARIA, 1997).

Entre os sítios arqueológicos registrados na década de 1970 e 2000, pertencentes a grupos Guarani, identificados no território destacam-se respectivamente: RS-84 (FIEGENBAUM, 2009) e o RS-T 117 (MACHADO, 2007).

Quanto à vegetação, a região pode ser considerada uma área consideravelmente representativa da flora riograndense, pois, segundo Bruxel e Jasper (2005), apresentava originalmente uma riquíssima cobertura vegetal.

Inserida no bioma Mata Atlântica, tem como principais regiões fitoecológicas, a Floresta Estacional Decidual e a Floresta Ombrófila Mista. A Região Fitoecológica Floresta Estacional Decidual situa-se na vertente sul do Planalto das Araucárias, Serra Geral e Patamares, recobrando basaltos do Juracretáceo. Recobre também parte da Depressão Central Gaúcha, ao sul da Serra Geral, estendendo-se pelas planícies dos rios e terraços aluviais dos rios dessa região (TEIXEIRA; COURA NETO, 1986).

Na região, em 2010, foram efetuadas análises antracológicas no sítio arqueológico RS-T 114, cujo objetivo era, segundo Schmidt (2010, p. 18),

[...] reunir informações acerca dos recursos vegetais lenhosos utilizados por uma população Tupi-guarani durante o período de tempo coberto pelo registro arqueológico do Quaternário na localidade de Marques de Souza, Rio Grande do Sul.

As análises com fragmentos de carvão indicaram vegetais que pertenciam à família Salicaceae, cujo gênero mais expressivo na Região Sul é *Salix*. A única espécie nativa dessa família que ocorre nas margens de cursos d'água, adaptada a ambientes com solos de alta umidade, é a *Salix humboldtiana* Wild, conhecida popularmente como salgueiro, salso, chorão, entre outros (BACKES; IRLANG, 2004; SCHMIDT, 2010).

A casca dessa espécie é rica em salicina (ácido salicílico) podendo, em fusão, ter propriedades antifebrífugas, sedativas e antiespasmódicas, possibilitando seu uso como fitoterápico. Dessa forma, a população do sítio arqueológico RS-T 114 pode ter feito uso dessa espécie para esse fim (BACKES; IRGANG, 2004; SCHMIDT, 2010).

Quanto à Região Fitoecológica Floresta Ombrófila Mista, esta ocupa grande parte do Planalto das Araucárias. A formação recobre basaltos e efusivas ácidas associadas do Juracretáceo. A espécie *Araucaria angustifolia*, o pinheiro, é a mais comum da Região da Floresta Ombrófila Mista, pela sua importância fitogeográfica e comercial. Essa espécie, apesar de ser estudada, também foi muito cortada para fins industriais. A partir da década de 1870, uma intensa ação antrópica descaracterizou os limites originais da vegetação florestal que a ocupava (TEIXEIRA; COURA NETO, 1986).

A *Araucária angustifolia* para o Guarani tinha destacada importância econômica. Mesmo estando disponíveis em alguns meses do ano, suas sementes eram processadas para elaboração de farinha ou armazenadas, podendo ser consumida permanentemente (SCHMITZ; GAZZANEO, 1991).

A região é drenada pela Bacia Hidrográfica do Rio Taquari. Conforme classificação do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica, DNA-EE, é considerada como mediana, pois ocupa 13,08m por hectare. Há uma

predominância de arroios com a largura de 10m, sendo o Taquari o principal rio da bacia, cuja extensão é de 156.547,16m e 41,77 km². Os demais rios são de terceira ordem, correspondem a 64,55%, considerando a área coberta por lâmina de água (ECKHARDT et al., 2007).

Os principais afluentes do Rio Taquari são, na margem direita, os rios Guaporé, Forqueta e Taquari-Mirim. Já na margem esquerda, são os arroios Boa Vista e Estrela. O Rio Taquari desemboca no Rio Jacuí, na cidade de Triunfo (BRUXEL; JASPER, 2005).

4 Áreas ideais para ocupação Guarani Vale do Taquari

Originários da Amazônia, os Guarani, apresentam características básicas inerentes a sua cultura, como: “[...] uma orientação fortemente agrícola, manifiesta na cultura do milho ou da mandioca; uma grande dinâmica migratória, efetuada seguindo-se o curso de rios em busca de terras tropicais favoráveis a implantação de novos roças” (SANTI, 2009, p. 29).

Segundo Wolf (2012, p. 37), “A presença e ação de sociedades humanas num espaço geográfico, incumbido de uma significação cultural, sobressaem-se num território”. As concepções de território abrangem diferentes abordagens conceituais, uma relacionada ao simbolismo, e outra, ligada ao espaço físico e domínio sobre este.

O território está diretamente relacionado às relações sociais dos grupos humanos no ambiente físico. Saquet (2007, p. 8) afirma que

[...] a materialidade do território exprime-se nas relações intersubjetivas derivadas, em última instância, da necessidade de produzir e de viver, ligando os sujeitos humanos à materialidade do ambiente, provocando iterações entre si, como membros de uma sociedade.

Segundo Seeger e Castro (1979), o território vai além do local onde são retirados os elementos para a subsistência e manutenção, é um espaço que possui dimensões sócio-político-cosmológicas mais amplas. Para Garlet e Assis (2009, p. 16), “O território de uma sociedade comporta elementos que fazem parte da construção da sua identidade e da sua concepção de mundo”.

Para Rogge (2004), o território deve ser

[...] entendido como o reflexo, em um dado espaço físico, de uma estratégia territorial e sua delimitação irá depender da distribuição de recursos críticos, a partir da sua abundância e densidade e do seu grau de previsibilidade (no espaço e no tempo). Estes fatores indicarão a tendência de uma sociedade humana ao uso de uma determinada estratégia territorial.

A exploração econômica de um determinado espaço requer conhecimento do território. A partir disso, as sociedades tendem a estabelecer maior controle sobre ele com a distribuição dos diferentes recursos (WOLF, 2012).

Lévi-Strauss (1978) destaca que, para grupos pré-territos ocupar um território significa institucionalizá-lo, torná-lo parte da vida do grupo. A sua exploração implica regras a serem seguidas não só por todos os membros do grupo, como pelos demais indivíduos de outros grupos que compartilham o espaço.

Os recursos hídricos e seu ambiente de entorno são as áreas de melhor situação adaptativa para os grupos que se estabeleceram, tanto em assentamentos de longa quanto de curta duração, pois, conforme Bertho (2005, p. 33), “[...] os Guarani habitavam áreas florestadas com presença de bacias hidrográficas e várzeas, exercendo o domínio de amplos espaços territoriais [...], que continham várias aldeias [...] com agricultura em roças itinerantes, movendo-se em circularidade”.

Segundo Kern (1998, p. 107), os Guarani, instalados em ambiente subtropical, se concentraram especialmente na produção do milho e da mandioca doce (ou aipim), como principais alimentos. Quanto às aldeias, geralmente localizavam-se em clareiras em meio à floresta subtropical, próximas a cursos d’água e sobre colinas situadas junto às várzeas dos rios e arroios de maior porte.

Segundo Schmitz (2006, p. 95)

As novas colônias, estabelecidas geralmente nas várzeas do curso médio, sobre os rios até o ponto em que o vale desaparece no meio dos penhascos da ‘serra’. As terras ocupadas com mais intensidade são as aluviais ao longo das corredeiras, mas depois se encontram pequenas aldeias até na encosta íngreme até 300 ou 400m de altitude.

Conforme Schmitz (2006, p. 97), “Aparentemente as mesmas populações se estabeleciam dentro do espaço de alguns quilômetros, com o que as roças abandonadas poderiam ser ainda visitadas”. Quando se observa o deslocamento Guarani ao longo dos séculos, de uma mesma aldeia, nota-se que o grupo necessitava manter o controle sobre uma área de extensão considerável, dentro da qual pudesse circular e conseguir todos os recursos para manter a perpetuação do seu modo de vida.

Quanto à colonização do Rio Grande do Sul, é provável que esses grupos adentraram o território pelo eixo formado pelos rios Uruguai, Ijuí e Jacuí, ocupando as várzeas mais férteis dos rios de maior porte, na direção geral de oeste para leste (ROGGE, 2004).

O início do processo de colonização Guarani em território sul-rio-grandense supõe-se que foi por volta do início da Era Cristã ou um pouco antes.

Grupos se instalaram ao longo do médio rio Uruguai e no vale do rio Ijuí. Em seguida, conforme Rogge (2004), devem ter alcançado o alto e médio Jacuí.

Por volta dos séculos IX e XIII, em um segundo estágio de expansão, os Guarani iniciam o povoamento nas áreas mais férteis dos tributários da margem esquerda do rio Jacuí com maior intensidade. Simultaneamente “[...] se dirigem a montante e a jusante do Rio Uruguai, expandem-se ao longo da faixa costeira e ocupam as matas da Serra do Sudeste e alguns locais florestados da costa ocidental da Lagoa dos Patos” (ROGGE, 2004, p. 73).

A terceira fase de colonização caracteriza-se pela ocupação de áreas menos privilegiadas, áreas mais afastadas dos rios maiores ou as porções mais altas e mais estreitas dos vales dos rios que descem do Planalto. Dessa forma, por volta dos séculos XV e XVI, os Guarani ocupavam praticamente todas as todas as áreas florestadas dos vales fluviais (com exceção para as áreas de Mata Atlântica e terras altas do planalto) e a faixa litorânea (SCHMITZ, 1991; ROGGE, 2004).

Klamt (2005) sugere uma ocupação para a Tradição Tupi-guarani, no médio Jacuí, que vai do final do século I e meados do II até o final do século XVIII de nossa era, indicando que esses grupos se adaptaram bem no território e se estabeleceram ali durante muitos séculos. Para Rogge (1996, p.53),

[...] o vale do Jacuí (bem como todos os outros vales de seus afluentes) teria sua primeira ocupação relacionada no Período Médio a Tardio (as datas mais antigas estavam entre A.D. 1045-1345)¹, estendendo-se até a chegada dos missionários jesuítas, na primeira metade do século XVII, já no período colonial.

Dessa forma, segundo Rogge (2004, p. 72), a expansão Guarani por diversas áreas do Rio Grande do Sul (Figura 2), pode ter sido marcada por um “movimento de progressiva colonização”.

¹ Datas obtidas pelo método C¹⁴.

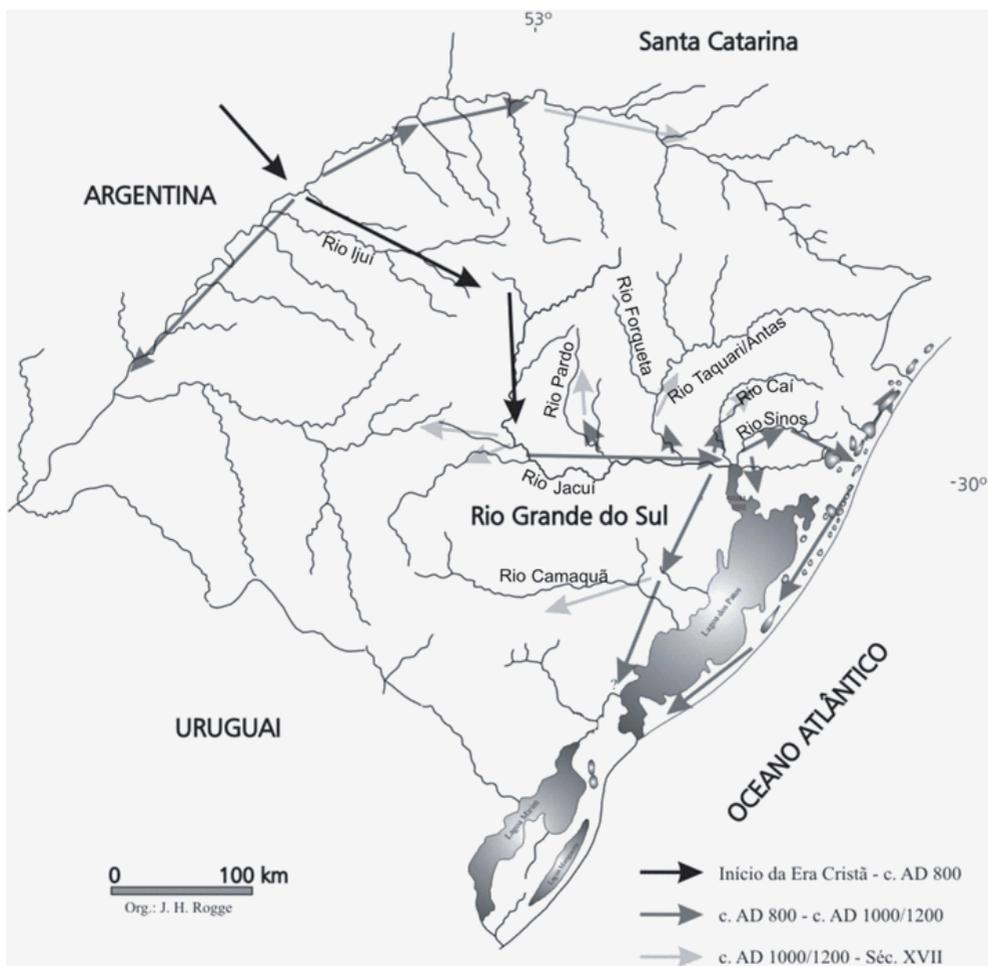


Figura 2 - Expansão da tradição Tupi-guarani no Rio Grande do Sul.

Fonte: Rogge (2004); Fiegenbaum (2009).

As bacias hidrográficas, entre elas a dos rios Uruguai e Jacuí, certamente facilitaram a penetração desses grupos para o interior do atual Estado do Rio Grande do Sul, pois os Guarani buscavam as margens dos rios e seus afluentes para ali se instalar e reproduzir o seu modo de viver (NOELLI, 2004).

No Vale do Taquari, seguindo uma lógica de um sistema de assentamento Guarani, o local preferencial a ser ocupado e colonizado eram as férteis planícies ao longo dos rios e arroios de maior porte, entre eles, os rios Taquari (Figura 3), Forqueta, Forquetinha, Boa Vista e Estrela.



Figura 3 - Planície do rio Taquari inserida na Unidade Geomorfológica Depressão Rio Jacuí.

Fonte: Museu de Ciências Naturais da Univates (2008).

Para Dias (2003, p. 31), a noção de sistema de assentamento “pressupõe que os sítios distribuem-se intencionalmente no espaço, em função tanto do contexto social, quanto do contexto ambiental, não podendo ser explicado como entidades isoladas”. A distribuição de sítios é em decorrência de opções culturais adaptadas e transformadas pela realidade topográfica.

O sistema de assentamento dos horticultores Guarani era um conjunto de *Tekohás* (assentamento familiar). Para eles, *Tekohá* é o lugar que reúne condições necessárias para que o grupo possa exercer o “seu modo de ser”, fundamentados na religião e na agricultura de subsistência (BERTHO, 2005).

Uma prática comum na cultura Guarani era a introdução de plantas no ambiente, enriquecendo a paisagem com recursos próprios para a exploração otimizada. Dessa forma, a colonização Guarani não teria sido condicionada em primeiro plano pelos recursos ambientais, mas sim por indígenas que exerciam uma influência na paisagem a ponto de romper com o condicionan-

te ambiental. Com a inserção de novas espécies, aos poucos se modificava a fisionomia vegetal dos locais ocupados, transformando o ambiente conforme as necessidades socioeconômicas dos grupos (MILHEIRA, 2008).

Segundo Noelli (1993, p. 113), em cada *Tekohá* “[...] há um jogo de três espaços distintos: a vegetação circundante, as roças e a aldeia”. A aldeia era o espaço familiar, seguido pelas roças, cujas distâncias do perímetro da aldeia eram variáveis, e, por fim, o espaço das matas, onde se situam as áreas de pesca, coleta, caça, as jazidas litológicas e de argila, bem como outras áreas de manejo que podem refletir antigas ocupações.

Quanto à interação entre *Tekohás*, Felipim (2001) menciona a existência de redes de aldeia com funções defensivas e econômicas. Se considerar-se sistema um conjunto de regras e princípios, um dos exemplos citados pela autora constitui o princípio da ajuda mútua: quando uma família perdia suas sementes, outras famílias as forneciam, suprindo suas necessidades. Esse tipo de troca era constante, e o que mantinha os *Tekohás*.

Outro princípio observado era a escolha do espaço. A delimitação do *Tekohá* sempre se dava a partir de acidentes do relevo, cursos d’água e outros marcadores naturais que definiam “[...] a posse do território de cada aldeia e ali dentro deveria [ter] os recursos materiais necessários à reprodução do ‘modo de ser’ Guarani” (NOELLI, 1997, p. 126).

Escolhiam locais que pudessem satisfazer suas necessidades de subsistência; áreas com matéria-prima utilizada na confecção dos objetos de sua cultura material, fontes de argila para a produção de cerâmica e depósitos de seixos de basalto para a fabricação dos artefatos líticos. Esses locais deveriam estar próximos a rios, pois ao mesmo tempo supria a necessidade de água, permitia a pesca e a navegação. Outros aspectos ainda influenciavam na escolha do local de assentamento, como a terra fértil e uma localização que propiciasse uma fácil defesa do grupo (SCATAMACCHIA, 1990; MORAIS, 1999).

Para Shaden (1974, p. 33) esses grupos

[...] portadores de cultura característica de região florestal, em que as atividades de subsistência incluem as lides da caça em combinação com o tamanho da terra, os Guarani se estabelecem, sempre que possível, no seio da mata evitando a paisagem aberta dos campos.

Nesse sentido, o ambiente da região da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, inserido nas Unidades Geomorfológicas Patamares da Serra Geral e Depressão Rio Jacuí, reunia condições físicas para o estabelecimento de grupos horticultores Guarani. E, a partir da análise do ambiente, concluiu-se que as características de certa forma se ajustaram a todos os grupos horticultores com pequenas alterações quanto ao tamanho de área disponível – alguns

assentamentos estavam localizados em planícies mais largas do que outros.

Na Unidade Patamares da Serra Geral, as planícies podem chegar a 800m de largura em uma das margens do rio, e na margem oposta podem ter no máximo 50m e, logo em seguida, apresentar um aclave que leva a um morro encaixado (KREUTZ, 2008; FIEGENBAUM, 2009).

Acompanhando os rios no território em estudo, a jusante panorâmica vai se alternando conforme o relevo. A montante, as planícies de inundação se alternam da margem esquerda para direita até se tornarem cada vez menores e estreitas formando vales encaixados sem a presença de várzea; ao contrário, a jusante dos vales se tornam mais abertos e os morros diminuem seu tamanho, formando várzeas cada vez maiores (Figura 4) (KREUTZ, 2008; FIEGENBAUM, 2009).

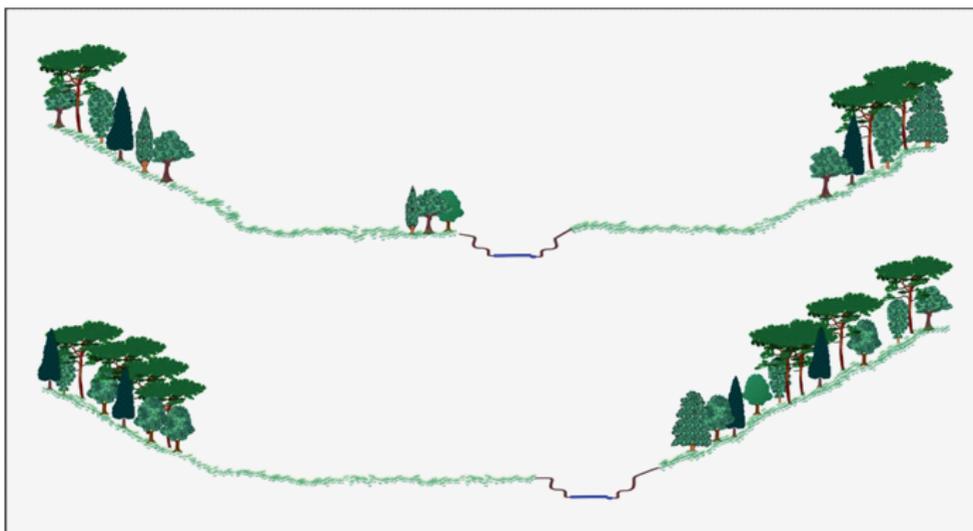


Figura 4 - Simulação do relevo do território.

Fonte: Kreutz (2008).

Já a Unidade Depressão Rio Jacuí, localizada ao sul do Vale do Taquari é caracterizada pelas planícies com grandes extensões, chegando a ultrapassar 20km em determinada zona (Figura 5). Essas áreas poderiam comportar um número maior de indivíduos, em formas de aldeias.



Figura 5 - Simulação do relevo do território.

Fonte: Kreutz (2008).

Os sítios arqueológicos pertencentes à etnia Guarani (Tabela 1), existentes na área em estudo, estão distribuídos em ambas unidades geomorfológicas, Patamares da Serra Geral e Depressão Rio Jacuí, ao longo das planícies que margeiam os principais rios e arroios (Figura 6). De acordo com a Tipologia Topomorfológica proposta por Moraes (1999), pode-se afirmar que as aldeias em sua maioria classificam-se Sítio em Terraço Fluvial. Em bem menor número, observam-se Sítio em Terraço e Baixa Vertente e Sítio em Colina.

Tabela 1 - Sítios arqueológicos Guarani registrados no Vale do Taquari.

Sítio	Coordenadas UTM	Altitude	Proximidade água
RS-T 101	387.480 L - 6.763.047 N	76m	50m
RS-T 102	408.632 L - 6.741.570 N	38m	100m
RS-T 105	415.032 L - 6.749.893 N	32m	20m
RS-T 107	400.780 L - 6.746.498 N	29m	30m
RS-T 108	415.318 L - 6.749.193 N	37m	50m
RS-T 110	388.075 L - 6.765.462 N	78m	60m
RS-T 114	391.260 L - 6.760.400 N	54m	45m
RS-T 117	408.442 L - 6.723.936 N	12m	50m
RS-T 119	411.748 L - 6.745.266 N	37m	120m
RS-T 122	389.176 L - 6.762.234 N	67m	90m
RS-T 124	418.171 L - 6.775.281 N	62m	120m
RS-03	427.846 L - 6.776.712 N	53m	70m
RS-60	416.830 L - 6.774.895 N	53m	90m
RS-T 15	409.014 L - 6.740.512 N	25m	200m
RS-84	405.618 L - 6.732.062 N	25m	80m

Fonte: Elaborado pelos autores.

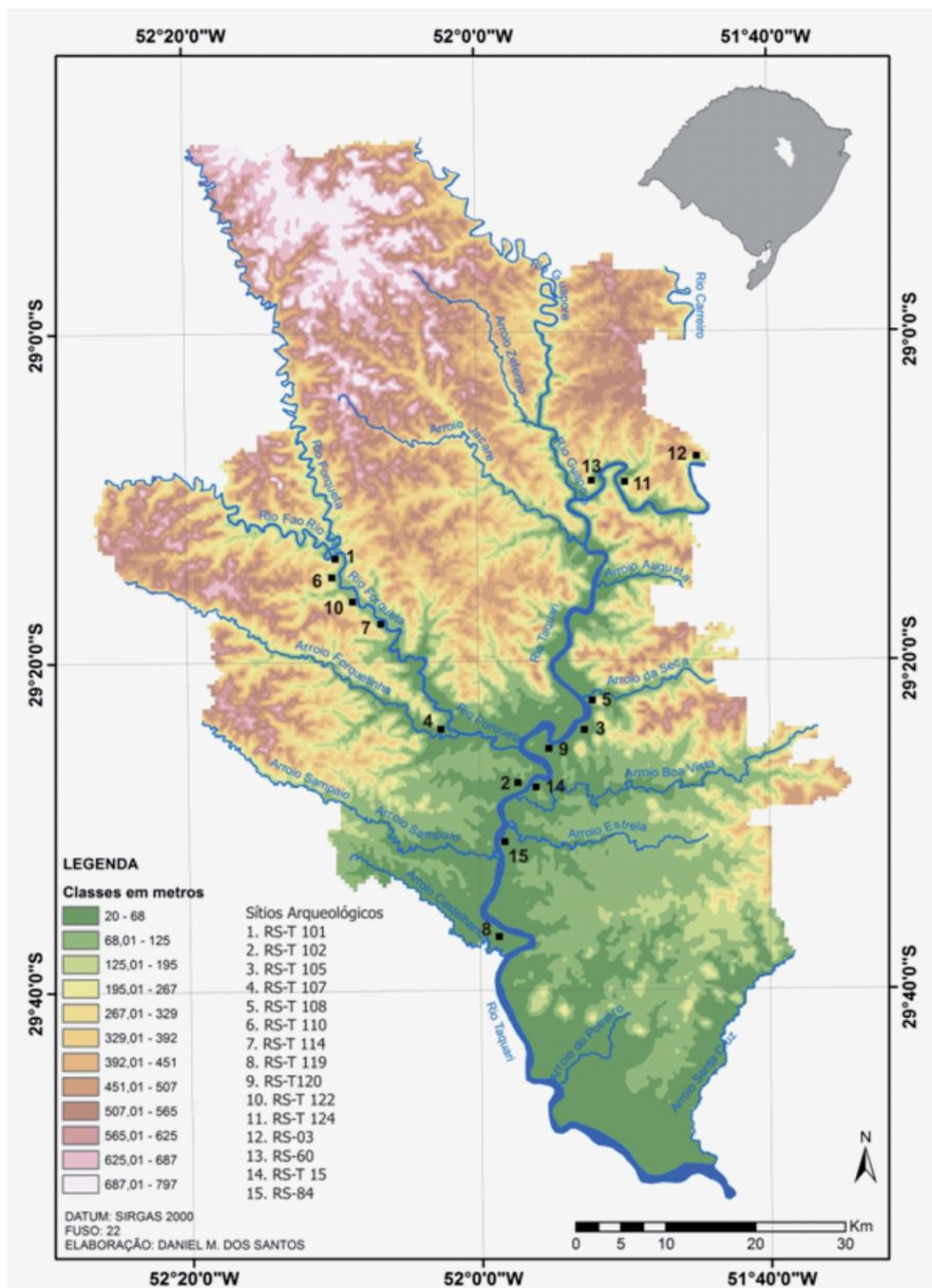


Figura 6 - Sítios arqueológicos Guarani registrados no Vale do Taquari.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Santos (2014).

Algumas áreas eram rejeitadas pelos Guarani, pois esses grupos evitavam e não se interessaram em progredir nas áreas secas; evitavam também espaços acidentados, ou muito altas (PROUS, 1992). A escolha dos Guarani era por ambientes que apresentavam clima sem estação seca, tipo Cfa (úmido mesotérmico subtropical com verões calorosos), com temperatura média mais fria entre 10-21° C, pluviosidade média entre 1.200 e 2.020mm (BROCHADO, 1984). O território do planalto apresenta verões frescos e os invernos frios, condições que não atraíram populações Guarani, pois o clima não era propício para o plantio das espécies vegetais dos trópicos (KERN, 1997).

Nesse sentido, as características físicas do território em estudo, contribuíram para a colonização Guarani. Entre os quinze sítios pesquisados (Tabela 1), estes estão localizados em áreas cuja altitude varia entre 12 a 76m. Quanto ao clima, a área se enquadra no clima Cfa (subtropical), apresentando uma temperatura média anual de 19,61°C, sendo que a temperatura média mínima anual está em 14,43°C, e a máxima em 26°C. A média da precipitação pluviométrica anual é de 1.600mm (DIEDRICH et al., 2007; ECKHARDT et al., 2013).

A capacidade de exploração e uso da terra implica a existência de recursos naturais próximos aos sítios. Todos os rios e arroios do território apresentam no decorrer de seus cursos cascalheiras, depósitos de seixos de arraste fluvial, compostas em sua maioria por basaltos e seus derivados, além de seixos de calcedônia, que são uma excelente fonte para captação de matérias-primas. A distância a ser percorrida não ultrapassa 1000m para a captação dos recursos.

Para Demartini (2006, p. 22), as redes hidrográficas assumem papel decisivo para a subsistência de populações Guarani. “A relação homem x água é muito importante, já que estes grupos a utilizam como meio de locomoção; alimentação básica; como sistema de proteção, além do domínio das técnicas de navegação desenvolvidas por estes grupos”.

Outro fator, importante para a subsistência dos grupos era o solo. Os sítios estão em locais, cujas várzeas estão próximas aos rios, e são constituídos de solos férteis, principalmente os Chernossolos Argilúvicos que apresentam condições favoráveis para o cultivo de diversas espécies vegetais, entre elas, a mandioca e o milho. Segundo Ker e Almeida (1986, p. 448), os solos Chernossolos Argilúvicos são de rasos a profundos, com alta fertilidade química. Neles é comum a ocorrência de um microrrelevo típico, constituído por pequenas elevações entrecortadas por vales de drenagem. De acordo com os autores, são áreas que “Podem ser consideradas como solos de maior potencialidade agrícola, do ponto de vista da fertilidade, do Estado do Rio Grande do Sul”.

Quanto à época de chegada e ocupação, a partir de análise de fragmentos de cerâmica (Termoluminescência) e evidências vegetais carbonizadas (C^{14}) do sítio arqueológico RS-T 114 (Tabela 2) obtiveram-se-se datas apontando o período de ocupação (MACHADO, 2007; FIEGENBAUM, 2009; WOLF, 2012).

O sítio arqueológico RS-T 114 (Coordenadas UTM: 22J, 391.260L/ 6.760.400N – Alt. 54m) se localiza na margem direita do rio Forqueta, no município de Marques de Souza. A planície de inundação, onde foram realizadas as intervenções, apresenta uma largura de 800m, até a base da vertente.

Tabela 2 - Datas obtidas a partir de análise de cerâmica e de carvão vegetal

Nº do fragmento cerâmico	Idade (Antes do Presente)
9367	1410±115
9532	1122±98
9048	1090±96
9277	908±87
9531	830±72
9533	720±84
9115	717±198
9438	650±69
10988	622
13344	609
9534	592±67
10356	503
12709	431
11810	338
Carvão vegetal	Idade (Antes do Presente)
Beta 249391	560±40
Beta 326927	410±30
Beta 303993	300±30

Fonte: Wolf (2012).

As datas obtidas do sítio arqueológico RS-T 114 apontam para uma ocupação pré-colonial, bem como para a permanência do Guarani em territórios do Vale do Taquari já no período colonial.

A partir da análise de fragmentos de cerâmica, Termoluminescência, a data mais antiga apontou uma ocupação para o século VI. Porém, se forem consideradas as datações a partir da técnica C^{14} , a colonização é mais tardia, século 14. Seria enquadrada na terceira onda migratória proposta por Rogge (2004), para colonização do atual estado do Rio Grande do Sul.

Para ocupar os espaços do território, seguindo a lógica do movimento de progressiva colonização, é provável que os Guarani tenham se fixado nas planícies ao longo do rio Taquari na direção Sul/Norte e, sucessivamente, foram também ocupando áreas ao longo dos maiores afluentes do mesmo rio (Figura 7).

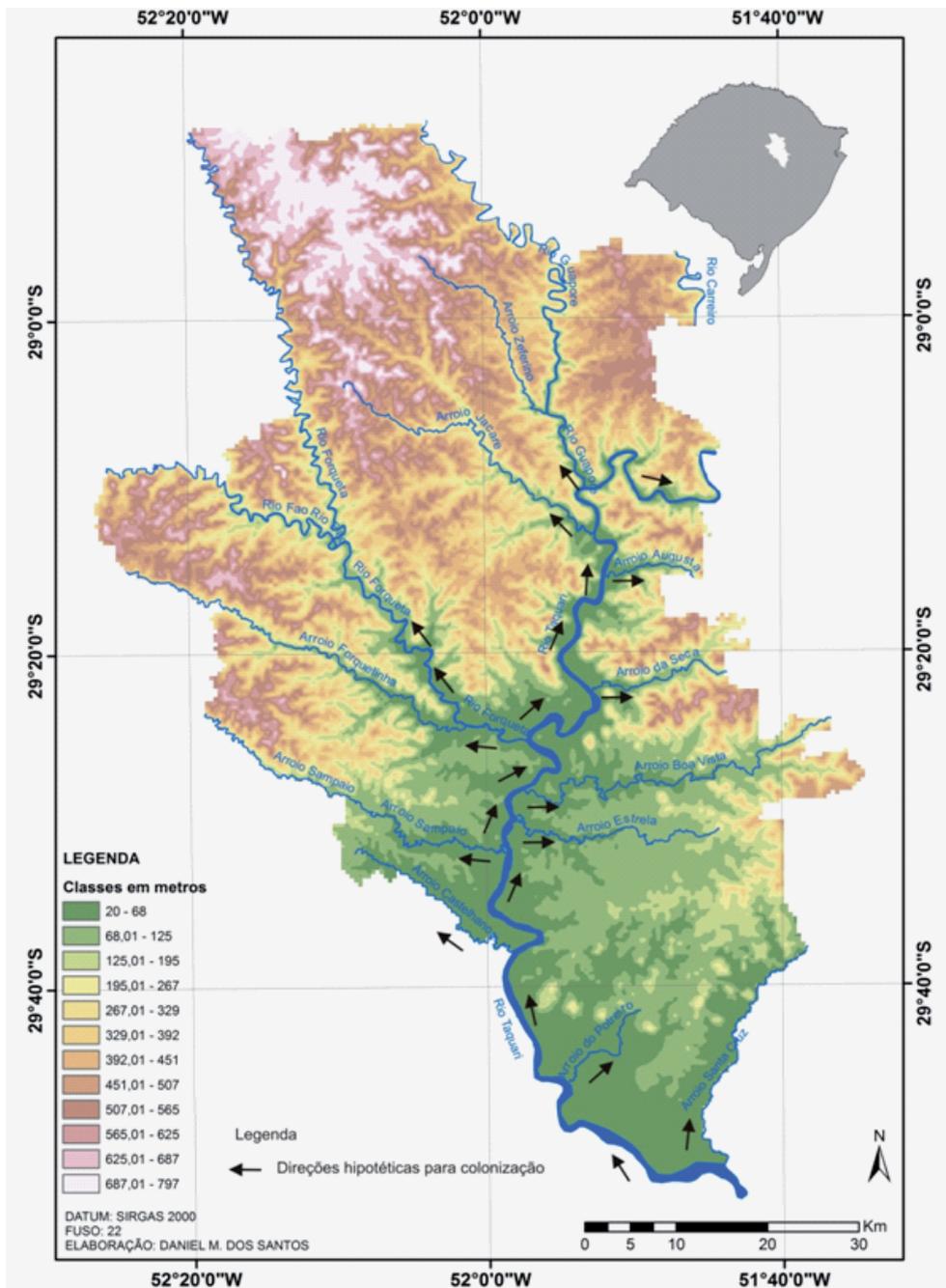


Figura 7 - Direções hipotéticas para colonização em territórios do Vale do Taquari pelos Guarani.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Santos (2014).

Uma vez colonizadas as áreas mais favoráveis no Vale do Taquari, os Guarani iniciaram a ocupação de áreas menos favoráveis (Figura 8), territórios que suportariam uma população com menos indivíduos, aqui denominadas interioranas.

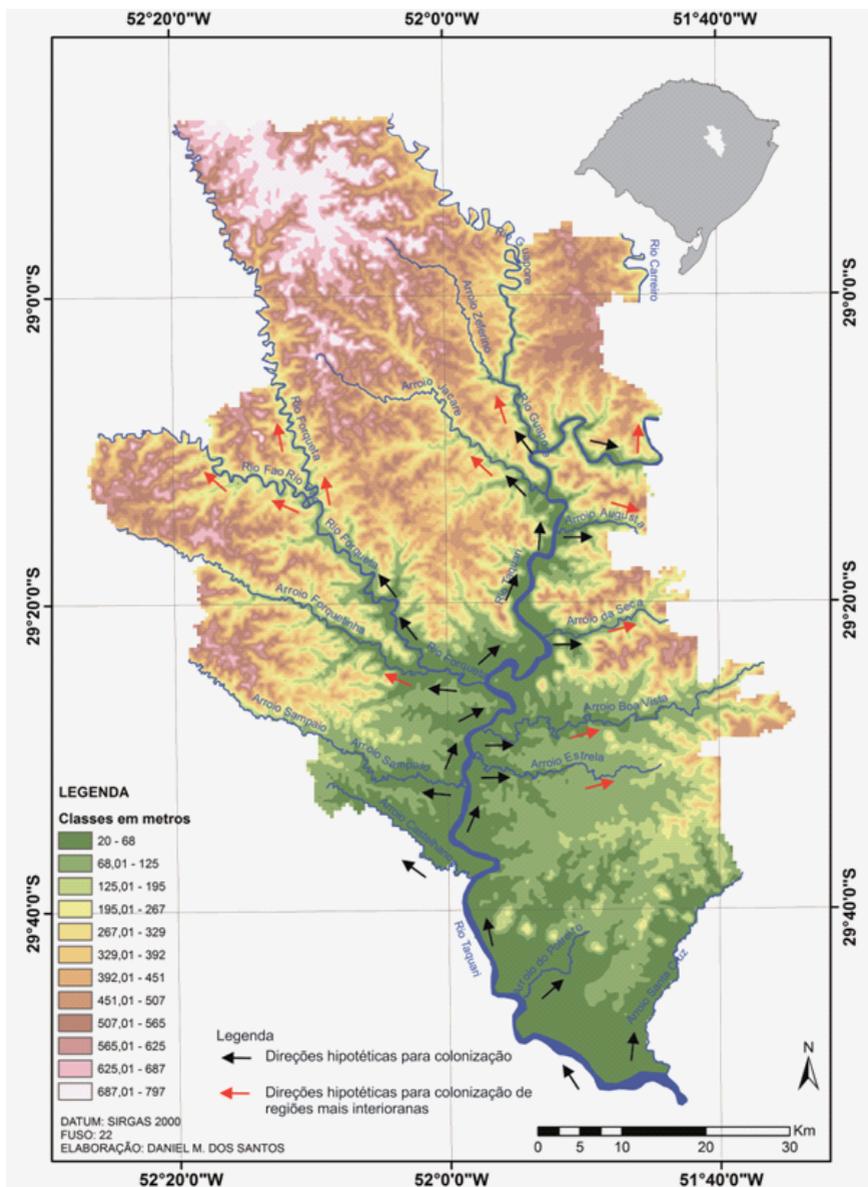


Figura 8 - Direções hipotéticas de grupos Guarani para áreas consideradas interioranas.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Santos (2014).

Nesse sentido, Rogge (2005, p. 94) afirma: “Essas áreas incluem, entre outras, pequenas drenagens afastadas dos rios de maior porte ou então as porções mais altas dos vales dos rios que já ocupavam, nas áreas de encosta alta do planalto”.

Rogge (2005, p. 94) assim complementa:

Porém essas áreas mencionadas possuem, somente para ficar na questão da produtividade agrícola, um rendimento relativamente baixo e, além disso, tornam-se cada vez mais circunscritas para serem capazes de sustentar uma população mais ou menos densa sem que houvesse a necessidade de explorar, ao mesmo tempo, outros ambientes ecológicos que poderiam fornecer outros tipos de recursos, relacionados à coleta e caça. Especialmente nas áreas altas dos vales dos afluentes da margem esquerda do Rio Jacuí, esse outro ambiente ecológico com disponibilidade de recursos está associado à Floresta Ombrófila Mista que, no entanto, era ocupada e explorada por uma população relacionada a outro sistema sociocultural.

Entre esses espaços, no Vale do Taquari, destacam-se áreas mais altas dos vales dos rios Forqueta e Guaporé (afluentes da margem direita do rio Taquari) e o rio Fão (afluente da margem direita do rio Forqueta) (Figura 9). Os locais apresentam altitudes superiores a 150m.

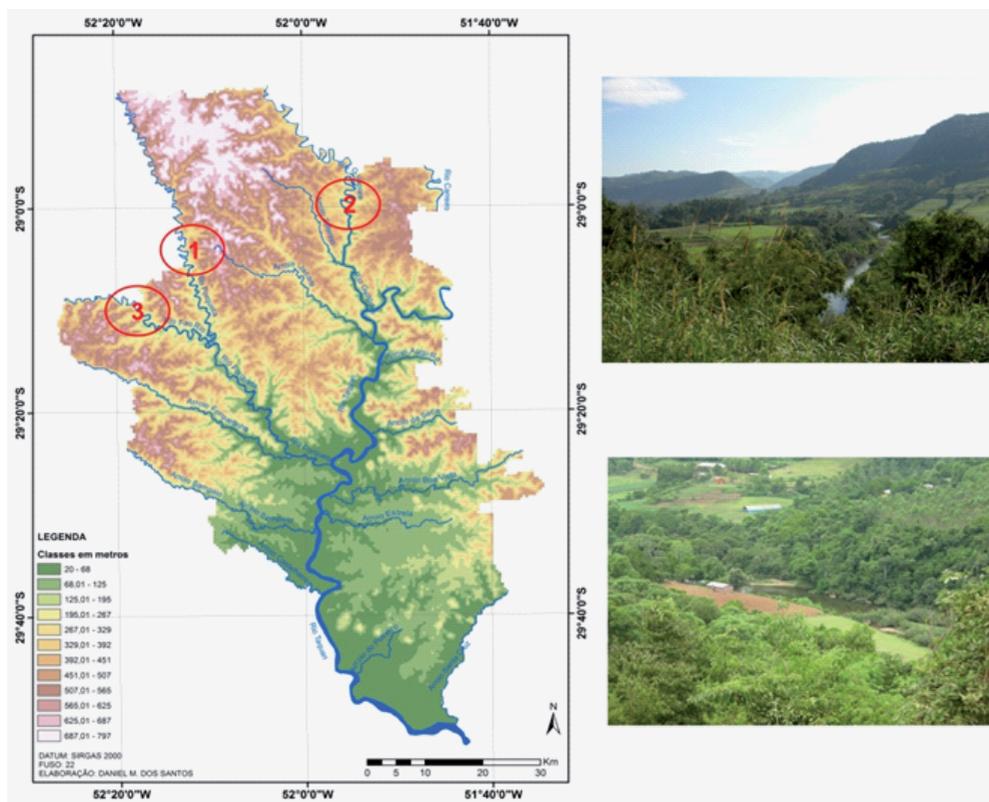


Figura 9 - Áreas mais altas dos vales dos rios Forqueta (1), Guaporé (2) e Fão (3). Apresentam planícies de menor extensão.

Fonte: Elaborado pelos autores (2014).

No rio Fão, em certo trecho do seu curso (Coordenadas UTM: Zona 22J, 378.618L/6.769.371N), na margem direita, foram encontradas evidências arqueológicas, cerâmica pertencente a indígenas Guarani. O local apresenta uma planície de pouca extensão, levantando a hipótese de que poderiam ser um grupo formado por poucos indivíduos.

No mesmo rio, na margem direita (Coordenadas UTM: Zona 22J, 381.847L/6.768.843N), foram encontradas evidências arqueológicas pertencentes a grupos Guarani. Nota-se que se trata de uma planície de pouca extensão (Figura 10), a qual não poderia abrigar um número elevado de indivíduos. Poderia também ser um sítio acampamento, tendo sido ocupado por um curto período.



Figura 10 - Área onde foram encontradas evidências materiais.

Fonte: Museu de Ciências Naturais da Univates (2014).

Além da questão demográfica que poderia contribuir para a colonização de áreas menos favoráveis, outro evento pode ter colaborado, qual seja, a chegada dos colonizadores. Na terceira década do século XVII, entre os anos de 1635 a 1640, sacerdotes jesuítas e bandeirantes paulistas atuaram em áreas do Vale do Taquari.

Os jesuítas na época chegaram com o objetivo de fundar reduções, uma vez que no território, segundo a leitura dos religiosos, havia potencial para a consecução da empreitada, enquanto que os bandeirantes tinham interesse em aprisionar indígenas para serem negociados em São Paulo.

Em 1635, o Vale do Taquari foi alvo da investida dos jesuítas. O padre Ximenez, auxiliado pelo padre Juan Suárez, partiu da redução de Santa Teresa, imediações da cidade de Passo Fundo, para contatar e negociar alianças com indígenas Guarani sobre a possibilidade de conversão ao catolicismo (CORTESÃO, 1969). Os sacerdotes não tiveram êxito, pois, com a chegada dos bandeirantes, inviabilizou-se o projeto de fundação de reduções no Vale.

Quanto aos bandeirantes, Raposo Tavares, em 1636 teria erguido uma paliçada nas proximidades da cidade de Colinas, localizada na margem esquerda do Rio Taquari. A partir do local, os homens partiriam em grupos para apresar indígenas que estavam assentados nas áreas florestais do Vale do Taquari (RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008).

Nesse sentido, na medida em que o Guarani, no período colonial, se deslocava para áreas de difícil acesso, implicava ou garantia uma invisibilidade (MONTEIRO, 1992; DARELLA, 2004). Conforme Monteiro (1992, p. 480), “Esta noção geral parece ser confirmada pelas investigações arqueológicas que sugerem um processo de diminuição no tamanho das aldeias, acompanhado por um empobrecimento da cultura material entre os séculos XV e XVII”.

Muitos grupos conseguiram se esquivar dos jesuítas e dos colonizadores. Permaneceram autônomos, incrustados nas florestas (CLASTRES, 1978; SILVA, 2012). Para Rodrigues e Afonso (2002, p. 170), após o contato com o europeu, em menos de dois séculos um número elevado de indígenas de várias etnias foram varridos do território brasileiro. “Aqueles que não morreram pela violência, pelas epidemias ou pela fome fugiram para outras regiões”.

Ao longo dos primeiros séculos da colonização europeia, XVI e XVII, todas as áreas de mata subtropical ao longo da costa, na borda do planalto, na serra do Sudeste e ao longo dos rios, no Rio Grande do Sul, estavam ocupadas pelo Guarani (SCHMITZ, 2006).

Para Soares (1996, p. 15), os sítios localizados mais próximos aos grandes cursos d’água seriam os ocupados por mais tempo e os mais antigos, “[...] mais fortes bélica e socialmente; pelas alianças manteriam seu ponto estratégico ao mesmo tempo que reforçariam seu potencial econômico”. Quanto aos sítios menores, em vales encaixados, Soares (1996, p. 15) afirma

Os sítios nos vales encaixados, por possuírem menor representatividade social, poucas alianças, família extensa pouco numerosa, menor número de vassallos/colaboradores, são ‘jogados’ ou empurrados para as zonas limítrofes do *teko’á*, em zonas ecológicas menos favoráveis.

Quanto maior a mata, melhor o solo e mais antigo o povoamento, maior são o números de sítios arqueológicos ou de antigos lugares de aldeias. Em áreas de matas menores, solos pobres e com número reduzido de jazidas, o povoamento é mais recente (SCHMITZ, 2006).

4 Considerações finais

Observando a colonização Guarani no Vale do Taquari, cabem alguns questionamentos: Qual a finalidade do deslocamento de áreas com características favoráveis para o estabelecimento de aldeias, para territórios mais interiores? Os deslocamentos foram em função do crescimento demográfico da população Guarani? Deu-se em função da chegada do colonizador europeu?

A partir da análise dos sítios arqueológicos, especialmente pela sua localização, acredita-se que, no Vale do Taquari, o Guarani, quando chegou ao território, se instalou nas planícies de maior porte ao longo dos maiores rios e arroios. É provável que as planícies ao longo de ambas as margens do rio Taquari e afluentes tenham sido ocupadas por essas populações (Figura 11).



Figura 11 - Planícies ocupadas por populações Guarani na margem esquerda do rio Taquari, conforme demonstram os sítios arqueológicos, município de Colinas, RS.

Fonte: Museu de Ciências Naturais da Univates (2014).

Quanto aos rios e arroios, cujas nascentes ou curso situam-se na Região Geomorfológica Planalto das Araucárias, as áreas podem ter sido ocupadas por um período menor. A razão dessa ocupação por áreas menos propícias pode estar vinculada com a pressão sofrida em função do colonizador, e não simplesmente por questões demográficas ou culturais.

É claro que os deslocamentos ocorridos antes do contato podem ter ligações com a diminuição de recursos naturais, a atração de um líder Guarani carismático, uma disputa interna entre facções, entre outras. Entretanto acredita-se que o deslocamento Guarani para áreas consideradas interioranas pode ter ocorrido após o século XVII. Entre esses locais, destaca-se o território conhecido como Bela Vista do Fão, no município de Marques de Souza. Ao longo do seu curso, o rio Fão apresenta poucas planícies com condições de instalação, em continuidade ao modelo tradicional Guarani.

Após o século XVII, em função da atuação dos bandeirantes paulistas no território, a população Guarani deve ter sofrido um decréscimo significativo. Os bandeirantes operaram no Vale do Taquari, entre idas e vindas, em um período mínimo de cinco anos, aprisionando índios para serem levados a São Paulo.

A partir das datações, C^{14} , realizadas no sítio arqueológico RS-T 114, observa-se que os Guarani ainda estavam ocupando o local após a investida dos bandeirantes. O sítio está situado a cerca de 50 quilômetros do suposto acampamento bandeirante na cidade de Colinas. Assim, há uma probabilidade de que os deslocamentos para lugares mais afastados dos rios de maior porte, possam ter ocorrido entre os séculos XVIII e princípio do século XIX, devido à instalação em definitivo dos imigrantes europeus.

Para fugir da dominação do novo colonizador, alguns grupos Guarani migraram para locais com menos condições, porém o local propiciava a continuação de sua cultura.

Referências

AZEVEDO, Antonio C. do A. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BACKES, Paulo; IRGANG, Bruno. *Árvores cultivadas no Sul do Brasil: guia de identificação e interesse paisagístico das principais espécies exóticas*. Porto Alegre, RS: Gráfica Serafinense, 2004.

BERTHO, Ângela Maria de Moraes. *Os índios Guarani da Serra do Tabuleiro e a conservação da natureza: uma perspectiva etnoambiental*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

BRANDÃO, Carlos R. Os Guarani: índios do Sul, religião, resistência e adaptação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 4, n. 10, set./dez. 1990.

BROCHADO, José P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. 1984. Tese (Department of Anthropology) – University of Illinois, Urbana-Champaign.

_____. A expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo*, São Paulo, n. 27, 1989.

BRUXEL, Juliane; JASPER, André. A família Cactaceae na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, RS, Brasil. *Revista Acta Botanica Brasilica*, São Paulo, SBB, n. 19, 2005.

CICCARONE, Celeste. Um povo que caminha: notas sobre movimentações territoriais guarani em tempos históricos e neocoloniais. *Dimensões*, Vitória, ES, v. 26, 2011.

CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CONTE, Fernanda. Migrações: o homem em busca do lugar ideal. *Revista Faz Ciência*, Francisco Beltrão, PR, v. 6, n. 1, 2004.

CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Tape (1635-1641)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

DARELLA, Maria D. P. Territorialidade e territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina. *Tellus*, Campo Grande, ano 4, n. 6, abr. 2004.

DEMARTINI, Célia Maria Cristina. O mito do paraíso tropical: caracterização cultural e gerenciamento do patrimônio arqueológico do Parque Estadual da Ilha do Cardoso. *Revista Canindé*, São Cristóvão, n. 8, dez. 2006.

DIAS, Adriana Schmidt. *Sistemas de assentamentos e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIEDRICH, Viane L.; FERREIRA, Everaldo R.; ECKHARDT, Rafael R. Espacialização das estimativas das temperaturas máximas, médias e mínimas anuais para o Vale do Taquari - RS - Brasil, pelo método de regressão linear. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13. *Anais...* Florianópolis, 21-26 abr. 2007.

ECKHARDT, Rafael Rodrigo; REMPEL, Claudete; SALDANHA, Dejanira Luderitz; GUERRA, Teresina; PORTO, Maria Luiza. Análise e diagnóstico ambiental do Vale do Taquari - RS - Brasil, utilizando sensoriamento remoto e técnicas do geoprocessamento. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13. *Anais...* Florianópolis, 21-26 abr. 2007.

ECKHARDT, Rafael R.; QUARTIERI, Marli T.; ALVES, Augusto; SALVADOR, Paulo F.; MALHEIROS, Marcelo G.; BIANCHINI, Cleberton D. Impactos econômicos das inundações no Vale do Taquari. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS. *Anais...* Bento Gonçalves, RS, 17-22 nov. 2013.

FELIPIM, Adriana Perez. *O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na Aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP*.

2001. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2001.

FIGENBAUM, Jones. *Um assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

GARLET, Ivori J.; ASSIS, Valéria S. de. Desterritorialização e reterritorialização: a compreensão do território e da mobilidade Mbyá-Guarani através das fontes históricas. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 11, n. 19, jan./jun. 2009.

GOLDMEIER, Valter Augusto (Org.). *Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul: fichas de registro existentes no Instituto Anchieta de Pesquisas*, São Leopoldo, RS. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1983.

JUSTUS, Jarbas de Oliveira; MACHADO, Maria Lúcia de Abreu; FRANCO, Maria do Socorro Moreira. Geomorfologia. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Levantamento de Recursos Naturais*, Rio de Janeiro, v. 33, p. 313-404, 1986.

KER, João Carlos; ALMEIDA, Jaime Antônio de. Pedologia. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Levantamento de Recursos Naturais*, Rio de Janeiro, v. 33, p. 405-540, 1986.

KERN, Arno Alvarez (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1997.

_____. *Antecedentes indígenas*. Porto Alegre, RS: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

KLAMT, Sérgio Célio. *Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005.

KREUTZ, Marcos R. *O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, RS.

LATHRAP, Donald W. *O Alto Amazonas*. Lisboa: Verbo, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce. *Análises e perspectivas geoambientais da arqueologia e seus reflexos na cultura humana do Vale do Taquari-RS*. Lajeado, RS: Projeto de Pesquisa, Propex, UNIVATES, 2007.

_____. *Análises e perspectivas geoambientais da arqueologia na cultura humana do Vale do Taquari-RS*. Lajeado, RS: Projeto de Pesquisa, Propex, UNIVATES, 2013.

MACHADO, Neli T. G.; SCHNEIDER, Patrícia; SCHNEIDER, Fernanda. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. *Cerâmica*, São Paulo, v. 54, 2008.

MAGNA ENGENHARIA. *Relatório técnico nº 01 (RT-01): cenário atual da Bacia Hidrográfica do Sistema Taquari-Antas*. Porto Alegre, RS: Governo do Estado do RS, 1997.

MELLO, Flávia C. de. *Aetchá Nhanderukery Karai Retarã entre deuses e animais: xamanismo, parentesco e transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

MILHEIRA, Rafael G. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Departamento de Engenharia e Comunicações. Diretoria de Serviço Geográfico. Região Sul do Brasil. Caxias do Sul, RS: Folha SH. 22-V-D, 1:250.000.

MONTEIRO, John M. Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI – XVII. In: CARNEIRO, Maria C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MORAIS, José Luís de. *Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema paulista*. 1999. Tese (Livre-Docência) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DA UNIVATES. Setor de Arqueologia. Lajeado, RS: UNIVATES, 2014.

NIMUENDAJÚ, Curt. *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/Universidade de São Paulo, 1987.

NOELLI, Francisco S. *Sem Tekohá não na Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

_____. Distância entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do Arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, RS, v. 21, n. 26, set. 1997.

_____. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, 1999/2000.

_____. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guarani. *Revista de Índias*, Madrid, v. LXIV, jan./abr. 2004.

PEREIRA, David L. T. Expansão dos Tupi-guarani pelo território brasileiro: correlação entre a família lingüística e a tradição cerâmica. *Topos*, Presidente Prudente, SP, v. 3, n. 1, 2009.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

RELLY, Eduardo; MACHADO, Neli T. G.; SCHNEIDER, Patrícia. *História de Colinas: do Taiaçuapé a Colinas*. Lajeado, RS: Editora Univates, 2008.

RIBEIRO, Marcel N.; FÁCCIO, Neide B. O Sítio Arqueológico Rágil II. *Tópos*, Presidente Prudente, SP, v. 3, n. 1, 2009.

RIBEIRO, Pedro A. M. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. 1991. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Robson A.; AFONSO, Maria C. Um olhar etnoarqueológico para a ocupação Guarani no Estado de São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, RS, ano 8, n. 18, dez. 2002.

ROGGE, Jairo H. *Adaptação na Floresta Tropical: a tradição Tupiguarani no Médio Jacuí e no Rio Pardo*. São Leopoldo, RS: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1996. Documentos 6.

_____. *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

_____. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. *Pesquisas. Antropologia*, São Leopoldo, RS, n. 62, 2005. SANTI, Juliana R. *O passado no presente: vestígios pré-coloniais como suporte analítico da paisagem no Vale do Soturno*, RS. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Daniel M. *Elaboração dos mapas: hidrografia, vegetação, geologia. Localização do território inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul*. Lajeado, RS: [s.n.], 2014.

SAQUET, Marcos A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCATAMACCHIA, Maria C. M. *A tradição policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno - históricas*. 1990. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHEEL-YBERT, Rita. Man and vegetation in the Southeastern Brazil during the late Holocene. *Journal of Archaeological Science*, 28, 2001.

SCHMIDT, Elisa O. *Avaliação antracológica de fragmentos de carvão em porções do sítio arqueológico RS-T 114: um estudo multidisciplinar para determinação de histórico ambiental*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, RS.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Pré-história para o Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*, São Leopoldo, RS, Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, Documentos 5, 1991.

_____. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*, São Leopoldo, RS, Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, Documentos 5, 2. ed., 2006.

SCHMITZ, Pedro I.; GAZZANELO, Marta. O que comia o guarani pré-colonial. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 06, 1991.

SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H.; ARNT, Fúlvio V. Sítios arqueológicos do Médio Jacuí, RS. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, Documentos 08, 2000.

SEEGER, Anthony R. da M.; CASTRO, Eduardo B. V. de. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, Série Antropologia, n. 32, 1979.

SHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

SILVA, Fabíola A. Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Asurini do Xingu. *Revista do Cepa*, Santa Cruz do Sul, RS, v. 24, n. 32, jul./dez. 2000.

SILVA, Victor A. e. Entre o resignado e o trágico há o nômade: um ensaio sobre o sentido da mobilidade entre os Guarani. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, dez. 2012.

SOARES, André L. R. *Organização sócio-política Guarani: aportes para a investigação arqueológica*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SUSNIK, Branislava. *Dispersión Tupi-Guarani prehistorica*. Ensayo analítico. Asunción, Paraguay: Museo Etnográfico Andrés Barbero Ltda., 1975.

TEIXEIRA, Mario Buede; COURA NETO, Augusto Barbosa. Vegetação. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Levantamento de Recursos Naturais*, Rio de Janeiro, v. 33, p. 541-632, 1986.

WOLF, Sidnei. *Paisagens e sistemas de assentamentos: um estudo sobre a ocupação humana pré-colonial na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, RS.

ZUSE, Silvana. *Os Guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do Sítio Pedra Grande e entorno*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.